Apresentado no II Congresso Internacional da AILP *Língua Portuguesa: Identidade, Difusão e Variabilidade*, 25 a 27 de Setembro de 2007, Rio de Janeiro, RJ Faculdade de Letras. UFRJ, Mesa redonda: *Situação do português na África e na Ásia*.

IN: *Palavras*, 37, Lisboa: Associação de Professores de Português, Primavera de **2010**, 55-65.

ENSINAR PORTUGUÊS NO ENQUADRAMENTO POLIGLÓSSICO DE TIMOR-LESTE

Hanna J. BATORÉO
(Universidade Aberta, Lisboa, Portugal)

RESUMO: A Língua Portuguesa, uma das duas línguas oficiais do Timor-Leste independente, é falada por apenas 5% dos timorenses, num enquadramento linguístico extremamente rico e variado. O seu ensino constitui uma questão difícil e complexa.

PALAVRAS-CHAVE: ensino da Língua Portuguesa, Português língua não-materna, multilinguismo, Português em Timor.

0. O Problema.

Se consultarmos a *Wikipédia*, a nossa fonte de informação no mundo global do século XXI, no artigo dedicado às línguas de Timor-Leste, deparamos com a seguinte informação:

> "*Contando com a colaboração activa de Portugal e do Brasil, o português tem vindo progressivamente recuperar terreno, sendo que actualmente cerca de 25% dos timorenses falam português*."

No entanto, e como a *Wikipédia* é uma enciclopédia num certo sentido interactiva, na discussão que se segue ao artigo mencionado, encontramos o seguinte comentário:

> "«*Actualmente cerca de 25% dos timorenses falam português» só nos sonhos de alguns fazedores de relatórios da Cooperação Portuguesa*…."

Estamos, assim, perante uma visível discrepância entre o que se **pensa** que é a realidade timorense, sobretudo abordada do ponto de vista de Portugal, e o que ela **é**, de facto, perspectivada do lado de Timor-Leste. A questão não é nova, mas mantém-se acesa, fonte de controvérsias carregadas de emoção, devida à generalizada falta de informação sobre a realidade de Timor que já vem de longe:

> "*Procuraremos (…) desfazer alguns erros que, devido ao* ***pouco conhecimento que em regra há sobre as coisas referentes a Timor****, têm feito carreira e tendem mesmo a assumir, à força de muitas vezes repetidos, foros de verdade incontroversa.*" (THOMAZ 2002: 23) [negritos nossos].

"Não se sabe que parte da população deste novo estado usa o português como língua materna – no final da colónia portuguesa (1975), era falado por cerca de 2000 pessoas, entre europeus criados no território e mestiços (Xavier, 1983: 305-312). Após a independência em 2001, tornou-se uma das línguas oficiais e as estimativas mais optimistas calculam que 20% da população fala português como primeira língua, mas outras talvez mais realistas baixam esta percentagem para 5 ou 6%." (CASTRO 2004: 48, cf. THOMAZ 2002: 140).

Assim sendo, se é apenas cinco por cento da população timorense que fala, de facto, Português, há pelo menos três questões principais que se colocam quanto à realidade linguística do país:

- **(i)** quais são as línguas faladas pelos restantes 95% da população de Timor-Leste?
- **(ii)** qual é o papel do Português em Timor-Leste?
- **(iii)** quais são os problemas do ensino da Língua Portuguesa neste país?

1. Multilinguismo e poliglossia em Timor-Leste

A realidade timorense é, de facto, multilingue, tal como o pode testemunhar qualquer viajante estrangeiro:

> "*Sipping Timorese coffee at the City Café in Dili, I'm surrounded by different languages. At a nearby table, three women are speaking **Portuguese**, at another, a couple of men converse in **English**. Young boys hang around the entrance, trying to sell me phone cards and chatting amongst themselves in the dominant language of **Tetum**. And taxis drive past, their radios blaring with pop songs in **Bahasa Indonesia**. It's an aural snapshot of the complex situation facing this fledging nation two years after it was formally declared the Independent Republic of East Timor*" (PRIOR 2004) [negritos nossos].

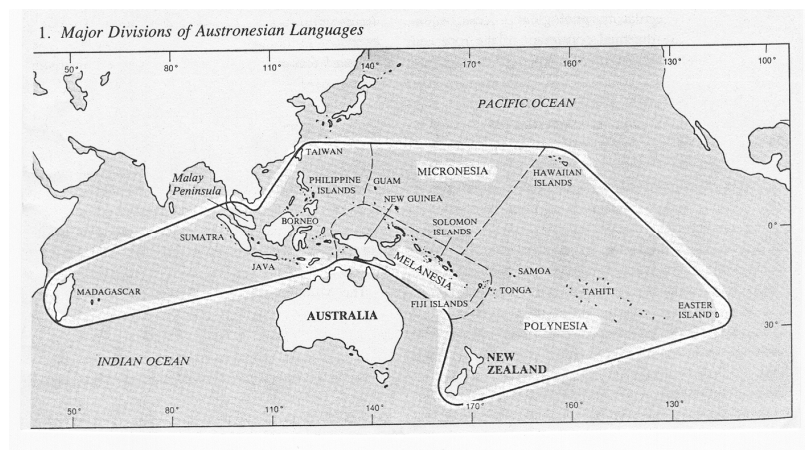
Do ponto de vista do recém-empossado primeiro-ministro e ex-presidente de Timor-Leste, Xanana Gusmão, a situação é não menos complexa:

> "*Mesmo que o currículo comece com o português nos bancos da escola, nós temos segmentos em que uns falam português, outros inglês, outros tétum, outros bahasa. Esse é o nosso problema. Há uma geração toda em Timor que nasceu no tempo indonésio e só sabe bahasa. Como resolver esse problema?"* (Xanana, 2007).

A situação é, porém, muito mais do que "linearmente" multilingue. Em muitos aspectos é, de facto, poliglóssica – embora de grande instabilidade, no que diz respeito ao real *status* de cada uma das línguas intervenientes –, na medida em que existem diferenças sócio-políticas entre os diferentes idiomas e dialectos presentes no dia-a-dia timorense. Estas diferenças podem observar-se, inclusive, ao nível do registo formal escrito, bem como ao nível da linguagem dos meios de comunicação social:

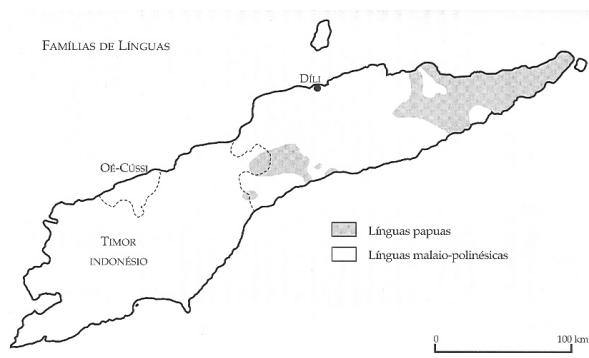
> "*Português em último. A situação actual em Timor é a de **uma verdadeira babel linguística**: A conta da luz vem em **inglês**, o formulário para o livrete do carro em **tétum**, os comunicados do Conselho de Ministros em **português** e tudo o que tem a ver com a polícia e os tribunais quase sempre em **indonésio**. Os jornais publicam-se em quatro línguas (tantas páginas em português como em inglês), a televisão e a rádio locais são dominados pelo tétum e pelo indonésio. Numa delas até o inglês é mais ouvido, devido à ajuda na programação e na informação da Rádio Voz da América*." (SAMPAIO, 2003) [negritos nossos].

Pouco disso se sabe, realmente, em Portugal. As gramáticas fornecem informação escassa e superficial, repetindo sempre as mesmas fontes, enquanto a história e a política nos ensinam que, depois de 450 anos do domínio português e 24 de ocupação indonésia, em 2002, Timor se tornou um país independente que, tal como o destaca na sua Constituição, adoptou duas línguas oficiais: a língua nacional, o Tétum, e a Língua Portuguesa. De acordo com a Constituição também, à Língua Indonésia e ao Inglês é reconhecido apenas o estatuto de "línguas de trabalho em uso na administração pública a par das línguas oficiais, enquanto tal se mostrar necessário". No entanto, a "língua nacional", as "línguas oficias" e as "línguas de trabalho" reconhecidas na Constituição do recém-criado país independente não preenchem totalmente o fresco linguístico de Timor-Leste. Os cerca de 800 000 timorenses falam no seu dia-a-dia mais de trinta línguas e dialectos locais, pertencentes a duas grandes famílias linguísticas: a austronésia e a papua. Além das línguas étnicas, existem também as das minorias, das quais se destaca a comunidade chinesa com o Mandarim, o Cantonês e o Hakka (cf. Mapa 2). Veja-se, no entanto, que a grande diversidade linguística verificada em Timor não constitui um caso isolado; considera-se que a área ocupada pelas ilhas da Malásia e da Indonésia é representativa da maior diversidade linguística do mundo, onde o número aproximado de um décimo das línguas mundialmente conhecidas é falado por apenas um por cento da população mundial (cf. ATLAS, 2001: 102-103) (ver Mapa 1). Para uma população mundial que ultrapassa os seis biliões, existem entre seis mil e sete mil línguas vivas, 96% das quais são faladas apenas por aproximadamente 4% da população mundial.
A população timorense é de origem malaia, melanésia e polinésia, com alguma influência portuguesa. Cada uma das várias etnias possui o seu património cultural que sofreu, em grau diversificado e consoante a localização, uma aculturação portuguesa trazida sobretudo pelos missionários. As migrações antigas entre a Ásia e a Austrália e os arquipélagos do Pacífico, por um lado, a diversidade geográfica e as guerras internas entre os povos, por outro, provocaram uma diversificação linguística de tal modo que, hoje, dificilmente se podem identificar e adscrever territorialmente os diferentes grupos étnicos:

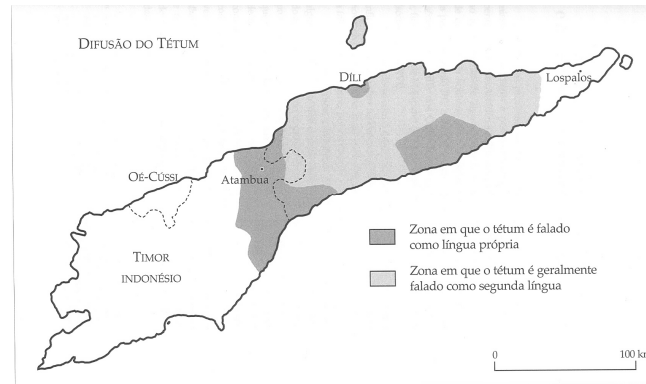
> "*Um único grupo pode actualmente falar até cinco línguas diferentes, da mesma forma que uma mesma língua pode constituir a forma de expressão de vários grupos étnicos. Se atendermos apenas às características linguísticas dos povos, são reconhecíveis cerca de 20 grupos principais em Timor-Leste e um número mais reduzido de dialectos*." (ATLAS, 2002: p. 42).

Mapa 1. Timor e as línguas da Oceânia (BRIGHT 1992, Vol. I, 142)

Mais ainda, o próprio número das línguas étnicas faladas em Timor-Leste varia conforme o critério utilizado para a sua distinção, de acordo com um dos maiores especialistas da história e cultura timorenses, Luiz Filipe Thomaz:

> “(..) *[A]s línguas locais de Timor Oriental são em número de 19 a 31, segundo as contagens – provindo a discrepância do critério adoptado na destrinça entre as línguas autónomas e variantes dialectais da mesma língua.*” (THOMAZ 2002:141).

Segundo o conceituado linguista australiano, Geoffrey Hull, no entanto, existem 16 línguas indígenas em Timor-Leste, doze das quais de origem austronésia e quatro aborígenes, aparentadas com as da família papua (Hull 2004). (Cf. Mapa 2).

Mapa 2. Timor – Famílias de línguas (THOMAZ 2002: 171)

Ao longo dos tempos e tal como noutras terras com a diversificação linguística tão acentuada, também em Timor, a necessidade de comunicação entre povos com características linguísticas distintas originou formação de línguas francas. Foi assim que surgiu a expansão do Tétum, língua original dos Belos (cf. Mapa 3).

> ”*Naturalmente, a evolução linguística e as diferentes ocupações do território têm vindo a provocar o desaparecimento de algumas línguas, absorvidas por outras de maior expressão ou reduzidas a minorias circunscritas. Desde meados do século XX até hoje, as principais línguas timorenses têm mantido uma percentagem de falantes semelhante ou manifestando uma tendência para a sua diminuição, como é o caso do tocodede e do kémak. Apenas o tétum manifesta uma tendência para crescer, sabendo-se, inclusive, que, não obstante o facto de apenas cerca de um quarto da população actual o considerar como primeira língua, a maioria da população o utiliza actualmente como a sua língua veicular.*
> *Em termos territoriais, à excepção do tétum, que se difunde numa área mais vasta mas descontinua, as línguas de Timor Leste possuem uma expressão bem demarcada na ilha.*” (ATLAS, 2002: p. 42).

Mapa 3. Difusão do Tétum (THOMAZ 2002: 171)

O Tétum vernáculo, que pertence ao grupo de línguas austronésias, é falado com pequenas variações em três regiões descontínuas: na região central da vertente meridional da parte oriental da ilha, em Díli e seus subúrbios e na região fronteiriça de costa a costa. As variantes mais conhecidas de Tétum são o Tétum-Téric e o Tétum-Lós, enquanto o Tétum-Praça, a língua franca crioulizada, é falado em Díli, por esta cidade ser conhecida por "Praça" pelos nativos de Timor (cf. THOMAZ 1998: pp. 619-620 e 2002: 103).
A tendência de utilização do Tétum como língua franca pode ser observada, claramente, a nível familiar, em conformidade com um espírito de total pragmatismo, conforme demonstra o seguinte testemunho de um timorense:

> "Tenho como língua materna o **tétum**, embora o meu pai tivesse como língua de nascença o **mambae**, a língua falada pelo maior número de habitantes de Timor-leste em 74 e, pelo lado da mãe o **laclei**, hoje em vias de extinção. Julgo que a opção feita pelos meus pais teria sido em conformidade com um espírito de total pragmatismo. Falando tétum, a língua comum, eu teria acesso a oportunidades que não teria se a opção tivesse sido pelas respectivas línguas maternas." (NORONHA, 2000:181) [negritos nossos].

Em suma, a diversidade linguística observada em Timor pode ser vista enquanto um **sistema poliglóssico**, embora esta designação não surja, por regra, nos trabalhos de especialidade:

> "[*A*] *situação apresenta certa lógica, constituindo por assim dizer um sistema. No plano interno esse sistema organiza-se em* ***três níveis de integração****: nível da* ***língua local****, nível da* ***língua veicular*** *e nível da* ***língua de administração e de cultura****; a estes três níveis é mister adicionar, para que fique completo o quadro, as línguas de relação externa e as das minorias étnicas*." (THOMAZ 2002:141, cf. MATEUS *et al*. 2005). [negritos nossos]

2. O papel do Português (e as outras línguas) em Timor-Leste

A escolha do Português para uma das línguas oficiais do país justifica-se, nas palavras de Xanana Gusmão, pelo peso da sua tradição: "*O português é a nossa identidade histórica, que ironicamente nos foi concedida pela presença colonial*". Nas palavras de um político timorense, Francisco Guterres, presidente da FRETILIN, trata-se de "*uma opção política de natureza estratégica para afirmação da nossa identidade pela diferença que se impôs ao mundo*". Assim, a escolha do Português como língua oficial de Timor-Leste – idioma cujo ensino ficou proibido

durante os anos da ocupação indonésia – é vista pelas próprias autoridades timorenses não apenas em função do grande enraizamento da herança histórico-cultural portuguesa, mas também (e sobretudo), por uma decisão político-estratégica de marcar a identidade nacional timorense diante da Indonésia e da Austrália e de ressaltar a sua especificidade no contexto regional do Sudoeste Asiático e Oceânia. Defende-se que a influência cultural portuguesa foi "*proposta e não imposta*" (THOMAZ, 2000: 31), ao contrário do que aconteceu com a influência indonésia, imposta pela língua, presença militar, estratégia demográfica e força económica do país vizinho. Esta particularidade deve-se, em primeiro lugar, ao facto de Portugal contar com mais de 400 anos de presença religiosa e cultural, a qual precedeu em mais de um século a presença política. Por outro lado, Timor não foi conquistado, foi abordado por mercadores privados, sendo o catolicismo aceite independentemente de qualquer relação de dominação (THOMAZ, 2000).
Por ter penetrado na Ásia pela acção colonial, bem como pela influência dos comerciantes e da acção missionária, a Língua Portuguesa constituiu, sobretudo, o instrumento administrativo, religioso e cultural e, segundo estudiosos da área, "***cimento aglutinador da identidade cultural*** *entre os povos do Timor Oriental*" (THOMAZ, 1998: p. 648) e "***cordão umbilical que articula as culturas locais***" (THOMAZ 2002: 140).
Com a excepção de alguns estudos recentes e de alguma literatura publicada em Tétum, o Português mantém-se, ainda hoje, como a língua da escrita, da religião, da escola e da escolarização, da administração (parcial) e da cultura. Durante 24 anos da ocupação indonésia, quando toda uma geração cresceu e foi educada nesta língua (sendo-lhe vedado o acesso ao Tétum e à Língua e Cultura Portuguesas), o Português sobreviveu como língua de resistência, sendo utilizada pela FRETILIN e pelas outras organizações da oposição ao ocupante nas suas comunicações internas e no contacto para o exterior. Esta prática conferiu-lhe uma enorme **carga simbólica**. A esta carga está intimamente ligada uma grande **afectividade**, rara noutros países em relação a uma antiga língua colonial, e relacionada com uma longa tradição entre os dois povos, nomeadamente através de casamentos mistos. Esta afectividade traduz-se, por exemplo, a nível onomástico: calcula-se que, ainda hoje, 70% dos apelidos e 98 % dos nomes próprios são portugueses: "*O nome é fundamental nas sociedades como a timorense, na qual o parentesco – laço de ligação entre os vivos e destes com os mortos – é forte.*" (CARVALHO 2002: 71).
A proibição do ensino do Português durante a ocupação indonésia fez com que esta língua deixasse de ser falada pela população mais jovem. Muitos destes jovens se têm mostrado adversos à reintrodução do Português, vendo-o como língua colonial, pertencente ao passado. O bastião de manutenção da Língua Portuguesa deve-se à geração de meia-idade (45 - 50 anos) e mais velha, as quais iniciaram a sua escolarização ainda nos tempos da soberania portuguesa, no forte enquadramento da religião católica. O protótipo da classe culta, elite lusófila cultural local – na esteira de *mestres-escolas* do passado (do colégio de Soibada), desfrutam de grande prestígio e constituem percentagem considerável do funcionalismo público.
De facto, a actual classe política parece não ter dúvidas quanto à opção de adoptar o Português como língua oficial, mas a verdade é que **o debate** está aberto, nos vários sectores da sociedade: Deve adoptar-se, como actualmente, o Português como língua oficial, mantendo o Tétum, o Indonésio e o Inglês como línguas nacionais? Ou deve o Tétum ser a língua oficial, passando o Inglês par a segunda língua e esquecendo o Português? (cf. Moura 2007: 2).
O Instituto Nacional de Linguística, que foi fundado em 2001 e que, em 2004, elaborou um padrão ortográfico para o Tétum e as demais línguas locais, considera a Língua Portuguesa – tal como a própria igreja – como parceiro histórico na evolução do Tétum moderno e a Língua Indonésia como aquela contra a qual há que "*cerrar fileiras por ser um factor corrosivo da especificidade cultural timorense*" (ESPERANÇA 2004:2).

> "*Sem o português, a identidade do país rapidamente se dissolveria nas culturas circundantes, indonésia e australiana. «Se somos um país pequeno, ainda por cima sem*

recursos, porque não investimos em ser diferentes?» diz Alkatiri [ex-primeiro-ministro]." (MOURA 2007: 2).

José Ramos-Horta, actual presidente e homem que é visto como mais próximo da Austrália e mais realista quanto às relações com Portugal, parece não ter dúvidas:

> "*No futuro, as relações com Portugal devem ser mais orientadas para a educação e a formação. (…) A língua portuguesa é fundamental para a nossa identidade. O próprio tétum, para se desenvolver, precisa do português. Alimenta-se dele*." (MOURA 2007: 2).

O recém-empossado presidente de Timor-Leste – que na tomada de posse, na primavera de 2007, se exprimiu não em português nem em Tétum (as duas línguas oficiais do país), mas em Indonésio – vai até mais longe, prevendo a fusão das duas línguas:

> "*O português vai vencer em Timor, mas os portugueses terão de compreender que será uma língua muito diferente da que falam. Será um português timorense. O «tetuguês*»". (MOURA 2007: 3).

3. Ensinar Português em Timor-Leste

Do ponto de vista estritamente linguístico, ensinar Português em Timor-Leste não é uma tarefa fácil. As diferenças tipológicas entre a Língua Portuguesa e as línguas timorenses tanto ao nível do funcionamento do próprio sistema – sendo a primeira destas línguas flexional e as outras aglutinantes – como ao nível da conceptualização do mundo efectuado pelos idiomas tipologicamente diferentes levantam muitos problemas no processo de aprendizagem.
Atentemos nos seguintes **exemplos** (cf. Bibliografia):

> **(i) Em Tétum não há verbo '*ser*'**; como, então, explicar por exemplo às crianças timorenses não só a existência deste verbo em Português, mas também a diferença que esta língua faz entre os verbos '*ser*' e '*estar*'? Como enfrentar as dúvidas de natureza ontológica e religiosa daí provenientes?
> **(ii) A ordem dos constituintes** pode ser diferente do que em Português. Assim, por exemplo, para dizer *ir para (a) casa* é natural usar-se, em Tétum, uma construção correspondente a: *ir para a casa uma*, já que o artigo definido não existe, enquanto o artigo indefinido é posposto. Veja-se, também, um outro exemplo, o da saudação habitual das pessoas correspondente ao *como está?* e que é *di'ak ka lae?,* o que significa a letra: *bom ou não?.* Esta **forma disjuntiva de construir** perguntas transparece frequentemente na colocação final da conjunção *ka* (*ou)*, como em: *ita bá uma*, *ka*? (*vai para casa, ou?).* Naturalmente, se for decalcada para uma língua como o Português pode ser considerada inclusive mal-educada.
> **(iii) A resposta a perguntas na negativa** (tal como, aliás, em Japonês, por exemplo) é feita, em Tétum, não pela negativa, como em Português, mas pela positiva. Assim, à pergunta: '*Não vai sair mais hoje?'*, se não pretender sair, o português responderá '*não*' (querendo dizer '*não, não pretendo sair*'), mas um timorense dirá '*sim*', já que conceptualiza a resposta como: '*sim, é verdade que não vou sair mais hoje'*. O escopo de resposta, diferente em cada um dos casos (que incide sobre o acto em si, como em Português, ou sobre a constatação a ele correspondente, como em Tétum) pode constituir, assim, uma fonte de ruído comunicativo entre os falantes das duas línguas.
> **(iv)** Existem vários exemplos de **conceptualizações diferentes**. Nalgumas das línguas timorenses (*mambae*, *tocodede*, *naueti*), por exemplo, verifica-se, tal como na Melanésia, a existência de um **sistema de numeração quini-decimal** (10 = 2x5),

empréstimo tanto mais natural quanto é verdade não possuir a maior parte das línguas reconhecidamente papuas qualquer espécie de numeração: algumas têm só os números correspondentes a 1 e 2; outras vão até 4 ou 5.

(v). Outro problema é o emprego do **vocabulário técnico**: muitos jovens usam ainda empréstimos lexicais de Indonésio em vez de termos novos de origem portuguesa criados em Tétum pelos cultores de língua, mas não utilizados e na prática desconhecidos. A terminologia técnica está em formação. Os seus utilizadores precisam de bons dicionários e glossários Indonésio-Português, que não existem.

Os problemas de ensino do Português em Timor-Leste não se limitam, no entanto, a questões puramente linguísticas. Ultimamente, e na sequência da experiência ganha nos primeiros anos pós-independência, a escolarização efectuada em Língua Portuguesa, em Timor-Leste, tem enfrentado algum descontentamento. Têm surgido vozes, por exemplo, que consideram que os agentes deste processo não se encontram devidamente preparados nem equipados para tal, dado que desconhecem tanto as línguas como as culturas, os costumes e as realidades locais, pecando pela sobranceria e eurocentrismo:

> "*Muitos portugueses em Timor, incluindo alguns professores, têm uma* ***visão eurocêntrica da realidade linguística local e agem como se a língua portuguesa fosse a panaceia universal capaz de resolver todas as dificuldades do país****. Nem lhes passa pela cabeça que a vida quotidiana das pessoas se centre em problemas mais prementes do que a língua, e vêem como uma ofensa pessoal a decisão de algum timorense de aprender inglês para ver se arranja emprego. Dizem orgulhosamente que* ***não lhes apetece perder tempo a estudar tétum*** *porque é* ***uma língua que não serve para nada*** *e que estão em Timor é para ensinar português. […] Os australianos, que são mais práticos nestas coisas, aprendem geralmente tétum […]. Desta forma eles conseguem conversar com toda a gente, com destaque para os jovens, enquanto* ***os portugueses se entretêm a falar sozinhos ou com os velhos que lhes dizem o que eles querem ouvir****.*" (ESPERANÇA 2007) [negritos nossos].

Embora longe pareçam ir os tempos em que se insistia que o português era ensinado em Timor como língua materna, o seu ensino como língua não-materna (realidade hoje tacitamente aceite) não deixa de levantar problemas por falta de preparação dos professores para este tipo de ensino:

> "*Há docentes em Timor que ensinam os alunos a memorizar transcrições fonéticas do português europeu padrão como aprenderam na Faculdade, esquecendo que os alunos não têm acesso fácil a falantes desse dialecto, e que os timorenses que falam fluentemente a língua portuguesa usam regras fonológicas diferentes.*" (ESPERANÇA 2007).

O desconhecimento de Tétum e das outras línguas timorenses pelos professores do Português é considerado um dos pontos fulcrais desta situação. Incompreensivelmente para os críticos, no ensino administrado aos timorenses espera-se que os aprendentes adquiram proficiência na Língua Portuguesa com materiais preparados apenas na língua-alvo. Embora haja teorias que defendam este tipo de práticas para o ensino da língua segunda e estrangeira, a validade deste processo depende de muitos parâmetros tais como, por exemplo, o grau de domínio do idioma pelo aprendente, as diferenças cognitivas, culturais e sócio-económicas entre as duas realidades linguísticas, a situação sócio-económica do próprio aprendente, assim como a falta de conhecimentos metalinguísticos básicos não adquiridos devido ao nível do sistema de ensino existente no país. Os críticos apontam frustração, desmotivação e abandono escolar como resultados directos deste tipo de política (ESPERANÇA 2007). Em relação às gerações mais novas, que foram escolarizadas em Indonésio, aponta-se, também, pontualmente como lacuna a não instrumentalização desta língua no ensino do Português:

> "*Justificava-se **a produção de materiais** para o ensino do português a jovens adultos **utilizando a língua indonésia**, que é aquela em que a maior parte desses alunos fizeram o seu percurso escolar e cuja gramática estudaram.*" (ESPERANÇA 2007) [negritos nossos].

A alfabetização em português das crianças cuja língua materna é diferente desta – e que na prática são a totalidade das crianças timorenses – constitui um dos grandes desafios nacionais, análogo, por exemplo, ao do enfrentado nos últimos trinta anos pelos PALOP. A existência do Tétum constitui, sem dúvida, a peça principal no complexo xadrez linguístico timorense:

> "*O português continuará a ser necessário para o futuro da nação, principalmente após a escolaridade básica. E claro que não há recursos disponíveis em tétum para formar um engenheiro ou um médico. Contudo, se alguém pensar fazer um plano nacional de leitura para as escolas de Timor, isso só será minimamente credível actualmente se for com livros em tétum. **Seria necessário mudar a mentalidade colonialista/colonizada no que se refere à forma como se olha para a língua nacional de Timor-Leste**. Muitas percepções incorrectas devem-se apenas ao **eurocentrismo**.(…)*
> *Um livro para ser usado em aulas de português, ou leccionadas em português, deve ser acompanhado de um manual do professor que traga as lições planeadas até ao pormenor, antecipando as dúvidas do docente e **explicando em tétum** as respostas que se deverá dar aos alunos. Os autores destes livros devem conhecer muito bem a realidade social, linguística, cultural e educativa do Timor dos dias de hoje.*" (ESPERANÇA 2007) [negritos nossos].

A necessidade do conhecimento do Tétum tem vindo a ser sublinhada tanto pelos linguistas como pelos políticos. O Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação português, João Cravinho, considera que é indispensável fornecer cursos de Tétum aos professores para os ajudar a resolver melhor os problemas dos formandos, enquanto G. Hull sublinha:

> "*É oportuno recomendar a todos os indivíduos que venham a Timor como professores de português que façam o esforço de aprender o tétum. Tal gesto de respeito pela língua partilhada pela maioria da população iria comprovar a todos que o trabalho de restauração da língua portuguesa em Timor-Leste não tem qualquer agenda neocolonialista*" (HULL, citado por MOURA 2007:3).

Em suma, vários são os problemas que o ensino da Língua Portuguesa enfrenta hoje no Timor poliglóssico. E se as dificuldades estritamente linguísticas podem ser colmatadas de um modo um tanto "linear" com alargamento e aprofundamento dos respectivos conhecimentos linguísticos, os problemas relativos ao ensino exigem mudanças de atitudes, de visões e de perspectivas bem enraizadas, fruto de várias gerações. Não chegam só boas intenções nem convicção que afectividade acumulada ao longo de séculos pode fazer milagres. Precisa-se de rupturas necessárias, aplicações inteligentes e de gestão pragmática, coordenada e eficaz de meios linguísticos e humanos. Precisa-se de uma política funcional de língua.
É igualmente importante termos em conta que tudo indica estarmos perante um fenómeno em curso particularmente interessante do ponto de vista estritamente linguístico: o nascimento de um "tetuguês", nas palavras de Ramos-Horta, ou seja **um novo crioulo de base lexical portuguesa.**

Referências

AAVV. *Atlas de Portugal Ultramarino e das Grandes Viagens Portuguesas de Descobrimento e Expansão*, Lisboa: Junta das Missões Geográficas e Investigações Coloniais, 1948. [Atlas, 1948]

AAVV. *Timor: um país para o Século XXI.* Instituto de Altos Estudos Militares. Universidade Católica Portuguesa. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expansão Portuguesa, Lisboa: Atena, 2000. [Atlas 2000]

AAVV. *O Atlas das Línguas. A Origem e a Evolução das Línguas no Mundo*, Lisboa: Editora Estampa, Lda, 2001. [original *The Atlas of Languages* (1996), Quatro Publishing plc (eds.)] [Atlas 2001]

AAVV. *Atlas de Timor Leste*, Faculdade de Arquitectura – Universidade Técnica de Lisboa, GERTIL – Grupo de Estudos de Reconstrução de Timor Leste, Lisboa, Porto, Coimbra: Lidel, 2002. [Atlas 2002]

ALBARRAN CARVALHO, Maria José. O Português em Timor Lorosa'e, In *Palavras*, nº 23, Primavera 2003, Lisboa: APP, 49-69.

BACELAR DO NASCIMENTO, Maria Fernanda (org.) *Português Falado: Documentos Autênticos* (Gravações audio com transcrição alinhada). Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa & Instituto Camões, CD-ROM. 2002 → http://www.instituto-camoes.pt/cvc/htp/geografia/som84.html (acedido em Setembro de 2007).

Bahasa 1 – CPLP 0 → http://www.notíciaslusófonas.com (acedido em Outubro de 2007).

BATORÉO Hanna Jakubowicz. Enquadramento cognitivo para a estrutura narrativa: uma proposta de olhar para a narrativa a partir da perspectiva da Linguística Cognitiva de Leonard Talmy, *Veredas*, 2007
→ http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas_portugal/artigo02./pdf

BRIGHT, William. *International Encyclopedia of Linguistics*, 4 vols. New York & Oxford: Oxford University Press. 1992

CASTRO, Ivo. *Introdução à História do Português. Geografia da Língua. Português Antigo.* Lisboa: Ed. Colibri, 2004.

COSTA, Luís. O Português em Timor e o Português de Timor, *RILP*, nº 14, 1995, 51-52.

COSTA, Luís. *Dicionário de Tétum-Português*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa: Edições Colibri, 2000.

COSTA, Luís. Guia de Apoio ao professor, In: *Manual de Língua Portuguesa, Diálogos – IPOR*, Lisboa: Instituto Camões, 2002, 1-28.

Cravinho quer pôr portugueses a falar tétum, *Diário de Notícias*, 4.09.07.

Easy language one, or, in *Living Timorously*, 20 Nov. 2007 → http://livingtimorously.blogspot.com/2006/11/easy-language-one-pr.html (acedido Out. 2007).

ESPERANÇA, João Paulo. Desenvolver o Tétum: Algumas considerações avulsas sobre propostas ortográficas, Jornal timorense (Díli) *Semanário*, Ano 0, nº 0032, 14.08.04.

ESPERANÇA, João Paulo. Ensinar português em Timor, 2007 →
http://timor2006.blogspot.com/2007/06/ensinar-portugues-em-timor.html (acedido Set. 2007).

Falar português em Timor-Leste, *Revista do Instituto Camões* nº 38, 05.09.01, suplemento do *Jornal de Letras* nº807, Ano XXI

HULL, Geoffrey. Timor Leste: Identidade, Língua e Política Institucional, Comunicação Proferida na Universidade de Adelaide em 29 de Março de 2000.

HULL, Geoffrey. The Languages of East Timor. Some Basic Facts, 2004, →
http://www.asianlang.mq.edu.au/INL/langs.htm (acedido em Setembro de 2007).

HULL, Geoffrey. *Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional*, Lisboa: Instituto Camões, 2001.

HULL, Geoffrey. Preparar o Tétum para o futuro, *Revista do Instituto Camões*, 6-19.07.05, suplemento do *Jornal de Letras* nº 907.

HULL, Geoffrey & Lance Eccles, *Tétum Reference Grammar*, Sydney: Projecto Sebastriaão Aparício da Silva e Instituto da Linguística, 2001. Trad. Portuguesa: *Gramática da Língua Tétum*, Lisboa: LIDEL.

MATEUS, M. H. M. e Luísa Teotónio PEREIRA (org.) *Língua Portuguesa e Cooperação para o Desenvolvimento*, Edições Colibri e CIDAC, Lisboa: 2005.
MOURA, Paulo. Português, tétum ou 'tetuguês', *Público*, 07.05.07.
NORONHA, Luís Cardoso de, A Questão Linguística Timorense, In: *Timor: um País para o Séc. XXI*, Instituto de Altos Estudos Militares. Universidade Católica Portuguesa. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expansão Portuguesa, Lisboa: Atena, 2001, pp. 179-181.
Presença portuguesa em Timor-Leste é uma farsa, *DN Funchal/ Lusa*, 24.06.07-25.06.07.
PRIOR, Sian. On ABC Radio National, *Lingua Franca*, 26 June 2004 →
http://www.abc.net.au/rn/lingua franca/stories/2004 (acedido em Setembro de 2007).
SAMPAIO, António. 'Dislexia' linguística. In: *Expresso*, 29 de Novembro de 2003.
THOMAZ, Luís Filipe. *De Ceuta a Timor*, 2ª Edição, Lisboa: Difel, 1998.
THOMAZ, Luís Filipe. Timor Loro Sae: uma Perspectiva Histórica, In: *Timor um país para o séc. XXI*, Institutos de Altos Estudos Militares, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2000.
THOMAZ, Luís Filipe. *Babel Loro Sa'e. O Problema Linguístico de Timor-Leste*, Colecção Cadernos Camões, Lisboa: Instituto Camões, 2002.
Xanana Gusmão e a língua portuguesa em Timor, Lusa 31.08.07 →
http://ciberduvidas.sapo.pt (acedido em Outubro de 2007).